

LOCAIS DE OPRESSÃO E DE ALÍVIO SEGUNDO AS EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS DE PESSOAS FREQUENTADORAS DA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA, EM MARINGÁ, PARANÁ

Adriana Gelinski

Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR

Márcio José Ornat

Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender como os espaços de opressão e de alívio constituem a vivência cotidiana das pessoas frequentadoras da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) na cidade de Maringá, Paraná. Esta ICM como outras se autointitula radicalmente inclusivas, pois realiza uma leitura alternativa dos textos bíblicos, bem como é constituída por grupos LGBTs. Desta forma, mesmo que a ICM se coloque quanto um espaço de alívio, não restringimos nossa reflexão a somente neste espaço. Para obtenção dos dados desta pesquisa foram realizadas 5 entrevistas, vivências com o grupo pesquisado, diário de campo e a ferramenta metodológica denominada de *Relief Maps*. Como resultado se pode notar que a ICM Maringá para xs entrevistadxs constitui-se como um espaço de alívio. Já a casa dos familiares e a escola constitui-se como um espaço de opressão, pois é nesses espaços que os sujeitos mais tiveram experiências negativas devido a sua sexualidade e identidade de gênero.

Palavras chave: Espaço; Igreja; Sexualidade.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como questão central compreender como os espaços de opressão e de alívio constituem a vivência cotidiana dos membros da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) na cidade de Maringá, Paraná. Os caminhos estabelecidos de reflexão buscam identificar qual o perfil identitário das pessoas frequentadoras da ICM, as experiências de opressão resultantes da relação entre perfil identitário e espaço, e como as experiências espaciais de alívio,

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook



vivenciadas pelas pessoas frequentadoras da ICM configuram-se como possibilidades de reprodução social-identitária na cidade de Maringá, Paraná.

Desta forma, a ideia da pesquisa não é trabalhar especificamente com a religiosidade da comunidade ICM Maringá, mas sim compreender como os espaços de opressão e de alívio constituem a vivência espacial das pessoas que frequentam a ICM Maringá. A escolha das pessoas frequentadoras da ICM Maringá deve-se ao fato desta igreja ser 'inclusiva radicalmente'. Pode ser inscrita na 'luta pelos direitos humanos' como evidenciados no campo exploratório, o qual colaborou para a construção da presente reflexão. Tal inclusão está relacionada ao acolhimento de grupos sociais com práticas de gênero e sexualidades não orientadas a linearidade constituinte do ocidente, referente ao sexo, gênero, prática sexual e desejo (BUTLER, 2003). Esses grupos que não seguem a linearidade dos padrões heteronormativos, grupos/pessoas que não seguem a 'norma heterossexual' são vistos como 'desviantes'. No entanto, o grupo que nos incitou é justamente um grupo que questiona a 'norma heterossexual', e busca visibilidade e respeito.

Deste modo, para responder as questões propostas foram necessárias algumas etapas, entre elas a coleta de dados qualitativos através de entrevistas semi-estruturadas, sistematização dos dados, análise dos dados, bem como vivências com o grupo pesquisado resultando em um diário de campo.

As imaginações geográficas que foram proporcionadas pelo acesso a estrutura nacional e internacional da ICM nos levaram a construção do recorte de grupo da ICM Maringá, devido ao fato de que, segundo o mesmo campo exploratório já citado, a ICM Maringá constitui-se enquanto uma possibilidade de alívio para a vivência cotidiana dos seus membros. Alívio na relação com um conjunto de exclusões sociais e interdições espaciais (SILVA, 2013).

Segundo o campo exploratório, estes adjetivos estão lastreados na utilização de específicos textos bíblicos. Por outro lado, bispos e teólogos da ICM afirmam que de forma alguma a bíblia condena a homossexualidade. Segundo a fala do reverendo da ICM Maringá, o cristianismo institucional hegemônico utiliza-se de perícopes da bíblia, trechos, recortes isolados do texto. Segundo esta fala, a reflexão

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



sobre esta perícopie é descontextualizada. Não existe uma exegese, uma hermenêutica, buscando compreender o sentido interpretativo profundo da perícopie.

Se de um lado vemos a disseminação da Frente Parlamentar Evangélica/FPE no Brasil, por outro lado há grupos que tencionam tais discursos e estratégias políticas. Um deles é a ICM, a qual surgiu no ano de 1968 em Los Angeles por iniciativa de Troy Perry, ativista pelos direitos humanos. O que começou com uma reunião de 12 pessoas em 1968, dispersou-se ao redor do mundo com aproximadamente 172 igrejas, como é possível ver abaixo no cartograma de dispersão espacial da ICM.

No Brasil a ICM a ganhar corpo na década de 1990. Atualmente são 11 ICMs, estando organizadas sob a bandeira LGBT, lutando por questões relacionadas aos direitos humanos. Na cidade de Maringá a ICM teve início no ano de 2010, com iniciativa da atual Diaconisa Paula e do reverendo Célio, e como visto, “Em Maringá ela surgiu em 2010, quando eu recebi o convite da Paula que é transexual, e ela dizia assim eu preciso de uma igreja que me acolha sendo quem eu sou”. (Entrevista realizada com Reverendo da ICM, Maringá em Maringá, PR no dia 04 de abril de 2014).

Realização:



Apoio:

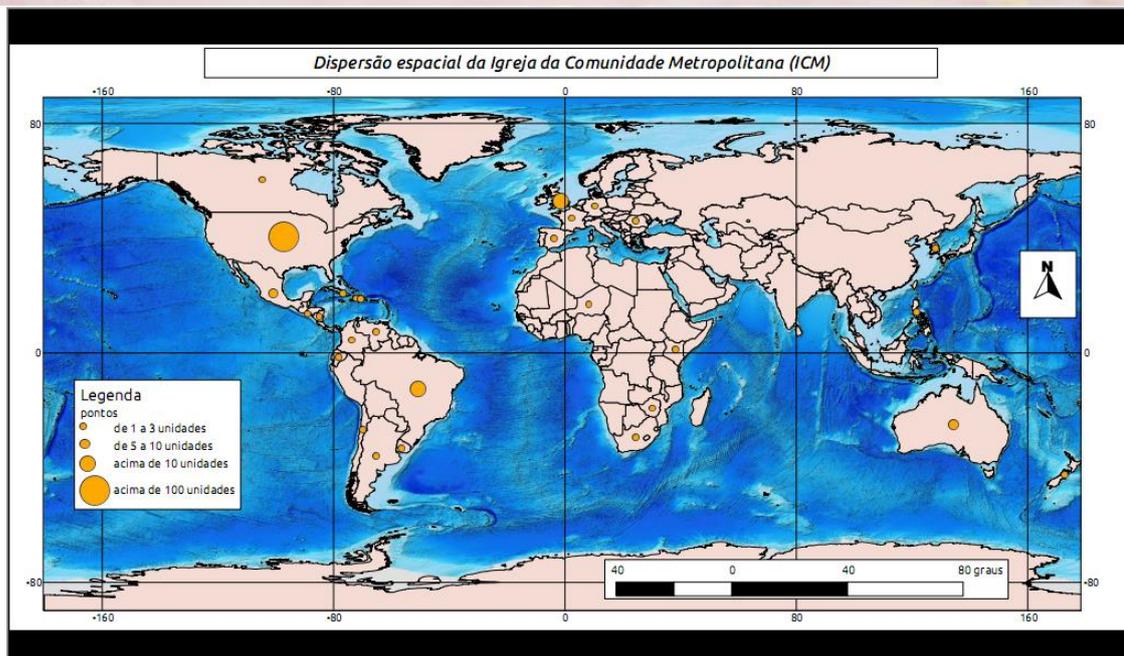


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Autor: João Paulo Almeida, 2015.

Mesmo que esta discussão problematize que a espacialidade da ICM coloque-se quanto um espaço de alívio, não restringimos nossa reflexão a esta espacialidade, pois temos como questão central compreender como os espaços de opressão e de alívio constituem a vivência cotidiana dos membros da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) na cidade de Maringá, Paraná. Assim, a ICM configura-se enquanto uma possibilidade de alívio, em relação a outras possibilidades espaciais, tanto de alívio quanto de sofrimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente trabalho está norteado pela seguinte questão central: compreender como os espaços de opressão e de alívio constituem a vivência cotidiana dos membros da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) na cidade de Maringá, Paraná. Para trilhar os caminhos de reflexão, a questão central foi subdividida em três subquestões: Quais são perfis identitários das pessoas frequentadoras da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) na cidade de Maringá,

Realização:



Apoio:



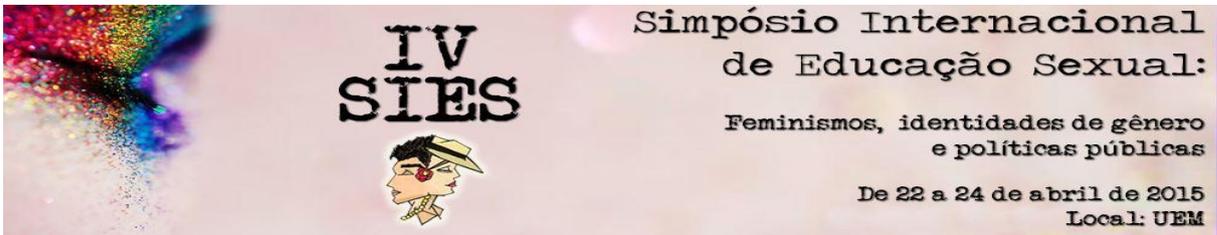
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Paraná? Como as experiências de opressão, resultantes da relação entre perfil identitário e espaço, são vivenciadas pelas pessoas frequentadoras da ICM, Maringá? De que maneira as experiências espaciais de alívio, vivenciadas pelos membros da ICM, Maringá, configuram-se como possibilidades de reprodução social-identitária, na cidade de Maringá, Paraná?

A ICM Maringá pode ser compreendida como uma espacialidade que é vivenciada no cotidiano de pessoas que comungam uma determinada forma de ver, significar e entender o mundo. Essas buscam se reunir em espaços como igrejas, bem como em casas de amigos e familiares, bares, boates, praças e ruas. Espaços estes que proporcionam inúmeros sentimentos, podendo ser confortáveis á desconfortáveis, isto pode ser ocasionado e estar relacionado a diferentes fatores, como o que Butler (2003) coloca como heteronormatividade ou linearidade de corpos, sexo, gênero, prática sexual e desejo.

Neste sentido semelhante para Massey (2008, p.29) o espaço é “produto de inter-relações”; o qual pode ser “entendido como a esfera da possibilidade da existência e da multiplicidade”; bem como está “sempre em construção” (p. 29). Logo, o espaço é algo em constante construção, visto que é permeado de interligações, a qual atua nas construções das identidades.

O espaço pode atuar assim como um articulador dos discursos, das fantasias e das corporeidades, bem como contribui para “dar forma nas alianças, inscrições e conquistas” (ROSE, 1999 p. 248). Tais articulações Rose (1999) denomina de performances relacionais, as quais contribuem para formação de espaços “um espaço específico. Outras performances de outros tipos de relacionalidade produzem outros espaços”(ROSE, 1999, p.250). Pensando assim o espaço não é algo fixo e sem aberturas, mas está em constante movimento de ser feito, ativo e é produzido de acordo com as “performances situacionais de relação entre eu e outro” (Rose, 1999, p. 250).

De forma semelhante Rose (1993, p.138) comenta que o “espaço é multidimensional e contingente”. Podendo ser cartografado entre centro e margem e vivenciados ao mesmo tempo. Sendo assim, existem dois espaços que existem

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



simultaneamente, os quais não estão em oposição. De tal forma as pessoas que frequentam a espacialidade ICM Maringá, também frequentam espacialidades como as ruas e as praças locais de trabalho de algumas pessoas participantes desta pesquisa, boates nas quais fazem shows e bares da cidade de Maringá. Logo, a comunidade em alguns momentos pode ser vista/entendida como marginal e em outro momento central.

Vale ressaltar que essas espacialidades são constantemente constituídas pela norma da heterossexualidade, sendo chamada de heteronormatividade por Butler (2003). Desse modo, ser homem ou ser mulher está relacionado à norma heterossexual, onde um conjunto de ideias, valores e normas são construídos e reproduzidos através das vivências, crenças, linguagem e cultura. Logo, as pessoas que não seguem uma ordem ou a norma heterossexual, sentem a interdição em alguns grupos e espaços.

No tocante a espaço interdito, Silva (2013, p. 158) comenta que esta relacionada com a “ordem discursiva espacial em que práticas regulatórias são desempenhadas por aqueles que se julgam dentro da ordem e possuem o poder de exercê-la, bem como o de estabelecer as formas com que determinados sujeitos devem ser excluídos”.

Como evidenciado na fala de Sirius¹ quando relata sobre o isolamento e a ‘punição’ quando frequentava outra instituição religiosa devido a sua sexualidade:

Então eu procurei a diretoria da igreja falei pra eles dos sentimentos que eu tinha por pessoas do mesmo sexo e eles me colocaram no que eles chamam de disciplina, que são dois meses no banco, não podia participar de nada (...) eles tiraram tudo que era precioso pra mim. Ai eu fiquei vazio porque as pessoas não me cumprimentavam, não falavam comigo, me demonizavam (Entrevista realizada com Sirius em Maringá, PR no dia 04 de abril de 2014).

Pensando assim, a comunidade ICM Maringá tenciona a sexualidade hegemônica e produz discursos e significados que são característicos e representam

¹ Os nomes das entrevistadas são fictícios. Esses nomes são nomes de estrelas, os quais foram escolhidos de acordo com as características das pessoas.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





este grupo. De tal forma, tais grupos não correspondem “às configurações de poder, onde a ordem heterossexual é excludente e interdita” (CARNEIRO, 2013, p.4).

A partir dessas proposições, nossa concepção de espaço está atrelada a visão de que o espaço é produto das inter-relações, reflexos da sociedade, fruto das vivências cotidianas, bem como pode ser produzido através das performances relacionais, as quais têm relação com o espaço vivido. Logo, estas relações espaciais contribuem para a intersecção e para que as categorias identitárias do grupo pesquisado sejam co-constituídas (ORNAT, 2011).

Identidades, Interseccionalidade e *Relif Maps*

A identidade não pode ser considerada fixa, completa e imutável, pois está em constante construção. De acordo com Hall (2003) uma única identidade, segura e imutável é uma ilusão, pois “se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu”. (Hall, 2003, p.13). Pensando assim, “ninguém nasce mulher. Torna-se mulher” (Beavouir, 1967, p.9). Logo, é equivocado afirmar que a identidade segue uma linearidade sexo, gênero, desejo.

De acordo com o pensamento de Hall (2003) a identidade não pode ser considerada algo estático ou biológico, mas é maleável, aberta e está em construção e transformação constantemente. Assim, a identidade pode ser construída social e historicamente, tais processos sociais e históricos podem contribuir para o surgimento de novas formas de exercer identidades.

Desta forma, é inexato considerar apenas uma única identidade aos sujeitos foco desta pesquisa. Pois entendemos que o processo de construção identitária constitui-se de acordo com as espacialidades, vivências e experiências, bem como “com imbricações entre gênero, sexualidades, identidades e espaço” (ORNAT, 2011, p.28).

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





Tais identidades que não estão inseridas na norma heterossexual podem ser “estereotipadas, estigmatizadas e até humilhadas”, (BAUMAN, p.44) como é evidenciado na fala de Canopus:

Eu falei já que tá todo mundo aqui mesmo, eu sou gay mesmo, gosto de meninos e pronto. Meu pai levanto pra me bate, meu irmão veio pra cima de mim, foi aquela correria. Então ele me humilhou de uma tal maneira que eu não desejo pra ninguém (Entrevista realizada com Canopus em Maringá, PR em 21/07/2014).

Percebe-se assim, que a espacialidade casa da família no momento da fala de Canopus tornou-se uma espacialidade de opressão e conflito. Pois segundo Butler (2008) os gêneros que seguem uma sequencia entre gênero, prática e desejo sexual, são entendidos pela autora como inteligíveis. Assim, pessoas que não estão inseridas na relação coerente entre sexo, gênero e sexualidade são entendidos como ininteligíveis. No entanto, o gênero é mais do que um conjunto de ideias construídas por uma dada cultura.

Pensando assim, varias são as identidades possíveis existentes nas pessoas foco desta pesquisa. Afirmo isto embasada nas vivências, conversas em campo e entrevistas com as pessoas foco desta pesquisa. Arcturus comenta que faz um ano que não é travesti, bem como enfatiza a variação de preconceito sofrido devido as diferentes identidades de gênero. Em alguns momentos apenas gay e em outros momentos homossexual, travesti e prostituta.

Quando eu era travesti o preconceito era muito maior entendeu. Hoje não mais, mas se eu quiser ser travesti eu tenho liberdade de ser. Mais só que isso tem que vim do meu eu, hoje eu não quero, hoje, eu não sei amanhã (Entrevista realizada com Arcturus, em Maringá, em 21/07/2014).

Deste modo, tanto a identidade como o corpo pode modificar-se ao longo do tempo e do espaço, isso ocorre de acordo com as vivências e experiências de cada pessoa. Tal processo acontece de acordo com a participação e através das escolhas dos sujeitos, como visto na fala acima. Logo, a construção e possível reconstrução

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



da identidade de gênero dos sujeitos foco desta pesquisa acontecem de forma ativa e flexível, pois conforme Butler (2003, p. 200) “o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo”.

Desse modo, ser homem ou ser mulher está relacionado a um conjunto de ideias e valores que a sociedade, a cultura e as vivências constroem e reconstroem dialeticamente. Conforme Silva e Ornat (2011), quando nascemos há uma classificação feita pela sociedade, onde são usadas características para orientar os gêneros baseadas na forma da genitália. Porém “é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (BEAUVOIR, 1967, p. 21).

O gênero em si, enquanto uma categorização social ganha sentido na sociedade quando analisado de forma interseccionada com outras categorias (SILVA, J. M., 2009a). O fato de determinadas pessoas possuírem uma mesma categoria de identificação de gênero, não as torna iguais. Pelo contrário, fatores como renda, escolaridade, idade, crenças, raça, constituem uma complexidade que posiciona os sujeitos e cria diferentes laços identitários. A interseccionalidade pode ser entendida como um conjunto complexo de elementos que compõem os seres humanos.

A interseccionalidade surge como uma proposta metodológica, a qual colabora nas análises geográficas e entende que os conjuntos de elementos permeiam os seres humanos e também derivam em diversas experiências ao longo de suas vidas. Assim, a noção de mulher em sua essência é superada. Por meio de suas escolhas e experiências, qualquer corpo pode ser classificado como feminino ou masculino, o que se dá através de representações (SILVA, 2009b). Tal visão é ampliada na leitura de Valentine (2007), que entende as identidades como algo fluído, em movimento, isto é, a identidade passa por fases de construção e reconstrução. E mais: a autora concebe a questão da intersecção como uma forma de análise, fazendo ligação da interseccionalidade com o espaço e com o tempo.

Evidenciou-se a partir das falas das pessoas focos desta pesquisa intersecções entre os elementos identitários como a faixa etária, etnias,

Realização:



Apoio:



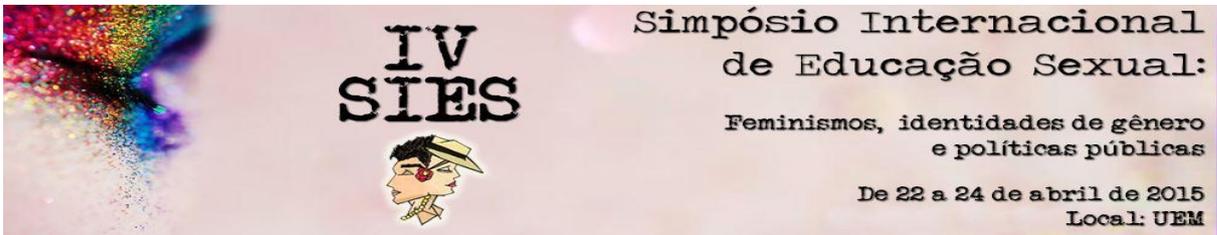
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



escolaridade, classe social, religião. Tais elementos identitários contribuem para compreender as vivências e experiências das pessoas, bem como os pontos de interseco possibilitam identificarmos diferentes experiências, tanto de alívio como de desconforto/opressão como  o caso das pessoas da ICM Maringá. Assim, as interseces não podem ser olhadas meramente de forma somatória, mas de modo a entender que as "identidades são aes sem fim" Ornat (2012, p.57). E as combinaes de diferentes identidades possibilitam diferentes experiências. Pois como afirma Ornat (2012, p.58) "o entrecruzamento das várias facetas identitárias dos sujeitos demandam formas de se pensar a interseccionalidade a partir de encontros fluídos e instáveis".

Portanto a presente pesquisa buscou identificar de que forma os espaços são identificados/ressaltados pelo grupo pesquisado como espaços de alívio/confortável ou espaços de desconforto. Além disso, buscou-se compreender as conexões entre poder social, as experiências vividas e espaços.

REFERÊNCIAS

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira Maria Bagatin. Snowball (Bola de Neve): Uma Técnica Metodológica Ppara Pesquisa em Educao Ambiental Comunitária. **X Congresso Nacional de Educao – EDUCERE, Seminário Internacional de Representaes Sociais, Subjetividades e Educao – SIRSSE**, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf> Acesso em: 31 de agosto de 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edies 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista à Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENTO, Berenice. **A reinveno do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**.

Realizao:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educao



Patrocínio:





Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Cuerpos que Importan – Sobre los Límites Materiales y Discursivos Del ‘Sexo’**. Buenos Aires Aires: Paidós, 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, Um Conceito-Chave da Geografia. In: Castro, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15 – 47.

CARNEIRO, Márcia Tobias. Geografia do atendimento de saúde e vivência trans: considerações a partir da vivência interdita em Ponta Grossa – Paraná. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1386003554_ARQUIVO_MarciaTobiasCarneiro.pdf

DUARTE. Tatiane dos Santos. A participação da frente parlamentar evangélica no legislativo brasileiro: ação política e (in) vocação religiosa. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre. p. 53-76, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade na Pós-Modernidade**. 8ª Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MASSEY, Doreen B. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

ORNAT, Marcio José. **Território descontínuo e multiterritorialidade na prostituição travesti através do Sul do Brasil**. 279 f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

_____. Espaços Interditos e a Constituição das Identidades Travestis através da Prostituição no Sul do Brasil. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v.3,n.1,p.54-73, 2012.

RODÓ-DE-ZÁRATE (en prensa) ‘Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. *Gender, Place and Culture*.

_____. **Metodologías feministas visuales para el análisis de la experiencia del espacio desde una perspectiva interseccional**. Barcelona, 2013.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



_____. Performing Space. In: MASSEY, Doreen; ALLEN, John; SARRE, Philip. **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999, p. 247 – 259.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli. Maria (Orgs.). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra. 2009a. p. 25-50.

_____. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, Joseli. Maria (Orgs.). **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Toda Palavra. 2009b. p.93 – 112.

_____. Espaço Interdito e a experiência urbana travesti. In: SILVA et al, Joseli Maria. **Geografias Malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, p. 143 – 182, 2013.

VALENTINE, Gill. Theorizing and researching intersectionality: a challenge for feminist geography. **The Professional Geographer**, p. 10-21, 2007.

OPPRESSION OF LOCAL AND RELIEF UNDER THE EXPERIENCES OF PEOPLE DAILY ENROLLED IN A ICM, IN MARINGÁ, PARANA

ABSTRACT

This research aims to understand how oppression and relief areas constitute the daily life of people denizens of the Metropolitan Community Church (MCC) in the city of Maringa, Parana. This ICM as other self titled radically inclusive, it performs an alternative reading of biblical texts, and consists of LGBT groups. Thus, even if the ICM put yourself as a breathing space, we do not restrict our consideration to only this space. To obtain data for this study were performed 5 interviews, experiences with the research group, field diary and the methodological tool Relief Maps. As a result it can be noted that the ICM Maringa to xs entrvistadx was established as a relief space. Have the home of the family and the school was established as an oppressive space. For it is in these spaces that xs sujeitxs more had negative experiences due to their sexuality and gender identity.

Keywords: Area; Church; Sexuality.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook